



## «Credes nisto?»

Seja como for que encaremos os milagres de Jesus, literal ou simbolicamente, ou em ambos os sentidos simultaneamente, eles proclamam um Reino construído sobre a fé

ERNEST O. HAUSER

«**E**LE ordenou que a multidão se sentasse por terra e, tomando os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos aos céus, abençoou e partiu os pães. E todos comeram e se saciaram. E os que ali estavam eram uns cinco mil homens, além das mulheres e crianças.» Assim, com essa linguagem simples, é que São Mateus relata um dos mais extraordinários milagres de Jesus.

Que pensar dele? Por definição, milagre é um acontecimento contrário às leis da natureza, operado por força sobre-humana, como

manifestação de poder. O cristão moderno, afeito às verdades científicas, vê-se muitas vezes em dificuldade para aceitar todos os milagres como fatos. Entretanto, não é possível ignorá-los, na medida em que não se podem apagar da Bíblia o Sermão da Montanha ou a Última Ceia.

Por um lado, desde a infância lidamos com os mais extraordinários milagres de Cristo: a transformação da água em vinho nas bodas de Canaã, a tempestade que foi apaziguada no mar da Galiléia, o cego que recuperou a visão, a

caminhada sobre as águas em direção ao barco em que se encontravam os apóstolos, a ressurreição de Lázaro... Por outro lado, nas Escrituras, tais atos milagrosos ocupam lugar importante. Ali, temos o relato de 17 extraordinárias curas, três ressurreições, seis exorcismos e seis vitórias contra forças da natureza. O Evangelho de São Marcos dedica perto de um terço de todo o seu texto aos milagres de Jesus. Aliás, nos quatro Evangelhos, são as descrições de milagres que constituem algumas das mais belas e celebradas passagens.

Sucessor dos profetas, Cristo, para os hebreus, precisava de milagres como credencial. «Que provas dás tu», perguntaram-lhe uma vez, «que possamos ver, para acreditar em ti?» E milagres reforçaram a fé, muitas vezes vacilante, de seus apóstolos. «Que homem é este a quem até os ventos e o mar obedecem?» se perguntavam com espanto, depois de o terem visto acalmar a fúria da tempestade, em resposta ao grito de pânico: «Senhor, não te importas que pereçamos?» Centenas de incrédulos foram convencidos pelos seus feitos. «Embora não acrediteis em mim, acreditai nos meus atos», instava Ele, «para que saibais e vos convençais de que o Pai está em mim e eu Nele.» Até Nicodemos, o fariseu que uma noite veio a Jesus, declarou: «Senhor, sabemos que Tu és um mestre enviado por Deus, pois nenhum homem pode

fazer os milagres que Tu fazes, a não ser que Deus esteja com ele.»

Todavia, sabemos também que Cristo era parcimonioso e muitas vezes tímido com relação a essas «provas». «Vê, não digas a ninguém», advertiu Ele ao leproso que se curou com um toque de suas mãos. Frequentemente, apenas uma palavra, um toque, um gesto – e o fantástico acontecia. «Segue teu caminho; teu filho vive.» «Que fiques curado.» «Levanta-te e anda.»

No fundo, a maioria dos milagres de Jesus se deve à piedade pelos inválidos, cegos, aleijados e paralíticos, homens e mulheres pobres dos vilarejos da Palestina. Ao passar por dois cegos, sentados à beira da estrada, que lhe imploraram ajuda, espontaneamente Jesus «teve compaixão deles e tocou-lhes os olhos», e eles puderam ver. São Lucas nos diz que o Senhor, vendo passar o enterro do filho único de uma viúva, o trouxe de volta à vida por compaixão pela mãe.

Muito se tentou no sentido de desacreditar os milagres do Evangelho. O espírito do Século das Luzes não podia aceitar a noção de um mundo revolucionado – mesmo que fosse por Cristo. Em 1748, o grande filósofo e historiador escocês David Hume escreveu: «Um milagre é a violação das leis da natureza; e, como uma firme e inalterável experiência estabeleceu essas leis, eis aí uma clara e total prova contra a exis-

tência de qualquer milagre.» Mais recentemente, o teólogo Rudolf Bultmann afirmava: «Não se pode usar luz elétrica e rádio e, ao mesmo tempo, acreditar no mundo dos espíritos e milagres do Novo Testamento.»

Explicações racionais são, de vez em quando, apresentadas pelos que duvidam. Por exemplo, a multidão foi alimentada, na verdade, pela partilha da comida que alguns traziam consigo. A caminhada de Cristo sobre as águas foi ilusão óptica – os apóstolos provavelmente o viram à beira-mar, bem perto da água. A tempestade que Ele serenou cedeu por si mesma. Contudo, por trás dos textos do Evangelho, existe uma tradição oral que data do apostolado de Cristo, e o que assim chegou até nós se baseia fundamentalmente em relatos de testemunhas oculares. Certamente, argumentam os que sustentam a crença nos milagres, Deus, que criou o mundo e que o controla, pôde interromper ou «violar» a ordem natural por ele estabelecida.

O calor do debate se perdeu gradualmente com o passar dos tempos. Grande parte dos homens da Igreja de hoje considera que é aos crentes, individualmente, que compete chegar a conclusões com respeito ao miraculoso. «Pode-se não acreditar em certos milagres e mesmo assim ser um bom cristão», diz um ministro da Igreja Episcopal. O importante, para a maioria dos estudiosos da Bíblia,

no século XX, é a relevância dos milagres de Jesus no contexto do Evangelho. De qualquer forma que os tomemos, seja como relatos fatuais, seja como alegorias ou como uma mistura de ambos, eles proclamam um Reino construído sobre a fé.

Ainda há, porém, outro aspecto nos milagres de Cristo. Pelo seu tremendo impacto, tanto nos que o seguiam como nos seus detratores, eles apontam o caminho do calvário. Após a cura do enfermo na piscina de Betsaida, os fariseus foram os primeiros a tentar «massacrá-lo», por ter trabalhado num sábado e dito que Deus era seu Pai. De novo o acusaram de blasfêmia, quando restituiu a visão ao cego. «Tu, sendo um homem, queres te fazer Deus!» Foi a morte de seu amigo Lázaro que o fez voltar aos perigosos subúrbios de Jerusalém, precipitando a Paixão. «Então, reunidos em conselho, os altos sacerdotes e os fariseus disseram: 'Que faremos? Pois este homem opera muitos milagres. Se o deixarmos continuar sozinho, todos os homens acreditarão nele.' E nesse dia decidiram juntos levá-lo à morte.»

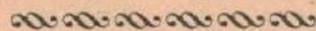
Os milagres se tornaram, assim, a prova principal contra o carpinteiro de Nazaré. Confirmando a fé dos que já a tinham e conquistando novos corações a cada passo, aumentava nos seus inimigos a convicção de que Ele era perigoso e, portanto, precisava morrer. Sua última prova é um rápido

e pequeno gesto de compaixão quando, no Jardim de Getsêmani, Pedro corta a orelha do servo de um alto sacerdote. Com um toque, o Mestre a cura, ilustrando uma vez mais sua admoestação: «Amai os vossos inimigos.»

Ele não faria mais maravilhas nesta vida. Quando o levaram diante de Herodes, para ser julgado, este manifestou desejo de assistir a «algum milagre» e enfureceu-se porque Cristo respondeu com o silêncio. Na cruz, quando lhe lançavam motejos («Ele salvou outros e não pode salvar-se!»), Cristo sofreu, obe-

diente ao Pai, até morrer. Na páscoa, o grande milagre da Ressurreição é o selo que Deus dá à missão de Jesus na Terra, autenticando o Filho amado, que tão bem o tinha servido.

«Credes nisto?» indagou Cristo a Marta, irmã de Lázaro. A pergunta é renovada a cada geração. A fé não se pode basear apenas na razão, e deplorável será a época em que não houver lugar para as provas e para as maravilhas. O fato de que o Cristianismo veio nas asas de milagres e tomou conta do mundo é um ponto a ponderar mesmo para os cétricos.



UM HÓSPEDE acordou todo mundo no hotel aos gritos: «Está na lista telefônica! Está na lista telefônica!» O gerente telefonou para a polícia e os guardas arrombaram a porta do quarto, onde foram encontrar o homem se debatendo com um pesadelo. «Estava tendo um sonho horrível», explicou o sujeito quando o acordaram. «Sonhei que o pessoal do Imposto de Renda queria me devolver uma grande quantia, mas tinha perdido meu endereço!»

- R. T.

NA ÚLTIMA noite de sua vida, minha esplêndida e corajosa sogra, Gladys Cooper, levantou-se da cama e encaminhou-se com grande dificuldade para a penteadeira, começando a escovar o cabelo e a maquilar seu rosto famoso. Então, olhando para o espelho (o que faria pela última vez), disse para a enfermeira: «Se é isto que o vírus da pneumonia faz de nós, acho que não me importarei de ser atacada outra vez.» Voltou para a cama, tendo morrido enquanto dormia.

- Robert Morley

ENQUANTO alguns jovens voluntários estavam atarefados pintando e limpando a cozinha de uma senhora de idade, uma assistente social entrou para ver como o trabalho ia decorrendo: «Não está linda?» perguntou vibrando a assistente social. «A senhora não está satisfeita de ter aceitado a colaboração destes jovens?»

«Sabe», suspirou a senhora de idade. «Eu não me importo. Hei de fazer tudo que estiver ao meu alcance para acabar com a delinqüência juvenil.»

- M. P.